

Álvaro Fernandes Sampaio, filho do chefe Casimiro Lobo Sampaio, tukano e da Guilhermina Fernandes, deçana, nascido na aldeia do rio Tiquiê, São Francisco, Alto Rio Negro - AM.

Permaneci na aldeia até aos oito anos e no ano seguinte o meu pai colocou-me no colégio dos padres missionários salesianos, em Pari Cachoeira, no início do mês de março de 1963. Devido a falta de adaptação à uma vida diferente fiquei doente nos primeiros meses e terminei o ano letivo com uma saúde frágil.

1964 - retornei a escola da mesma missão e no mesmo período do ano letivo, de março a outubro. Os meus professores falavam muito pouco a língua tukano, e por isso, senti a dificuldade de aprender nas coisas escritas pelos brancos. O que me comoveu nesse ano foi a primeira comunhão que fiz no dia 16 de agosto, dia do padroeiro da paróquia São João Bosco e o teatro que participei no dia da Festa de São Domingos Sávio.

1965 - fui crismado pelo Dom João Marchesi, fundador das missões do Alto Rio Negro. Foi um ano mais bruto por que tive que obedecer um ensino sob o regime duro para ser bom o que não era o meu desejo. Uma vez fomos obrigados a dançar pelos padres diante dos brancos vindos de fora com medo de sermos castigados e de gritarias de um certo padre que me causava tanto medo. Nesse ano visitou o Núncio Apostólico do Brasil, Dom Sebastião Bagio para ver a obra dos missionários salesianos no Rio Negro. Houve muita festa e até paradas militares exibidos pelos índios. Eu não entendia nada de muita coisa nesse tempo, tudo era bom o que se passava no colégio.

1966 - fiz o meu 3º ano primário e pude acompanhar bem o ensino ministrado pelos padres missionários e fui um dos melhores alunos dentre os companheiros de classe. A coisa interessante do ano foi que tiramos muitas fotografias trabalhando e estudando, correndo e jogando a bola, e muitas vezes, pousamos às cameras segundo o desejo do fotógrafo. Essas fotografias eram mandadas para as autoridades brasileiras e estrangeiras para pedir o dinheiro. E nesse tempo chegou mui

ta roupa usada. E nas aldeias começaram os cursos para os catequistas ministrados pelo padre Eduardo Lagório onde os líderes indígenas comentavam o evangelho e traduziam-no para a língua tukano. A minha aldeia foi o centro de reuniões porque o meu pai estava de acordo que, aprendendo a escrever a língua poder-se-ia guardar a cultura do povo, e que isso iria trazer um certo benefício para a comunidade. Infelizmente, não houve nenhum benefício e as gravações ficaram somente com padre Eduardo.

1967 - foi o melhor ano letivo porque fui destacado em primeiro lugar nos estudos. O que não gostei foi que era o penúltimo ano em que eu estaria no colégio porque depois do 5º ano eu não poderia mais continuar estudando.

1968 - No fim de fevereiro recebi uma carta do diretor da missão Pari Cachoeira na qual me convidava urgentemente para estudar em São Gabriel da Cachoeira - Rio Negro. Logo parti para missão porque essa notícia me comoveu. Eu e mais outros colegas embarcamos num barco da missão e viemos com destino a cidade São Gabriel da Cachoeira. Após as matrículas e conversações com o diretor do colégio ficamos numa casa grande porque assim estava no programa do Bispo Dom Miguel Alagna, sucessor de Dom João Marchesi. No estudo não achei as matérias muito difíceis, a não ser a Matemática, porque nunca gostei mesmo devido que, sempre veio junto com a agressividade. O professor sempre usava nas mãos uma régua grossa de tábua, coisa que me causava muito medo. Terminei o meu 5º ano primário com muito gosto porque é pela primeira vez que um bispo se preocupava tanto pela educação dos filhos indígenas daquela região. O que impressionou a muitos pais foi que, os seus filhos começaram a estudar numa só classe, pois, antes era separado. Foi um grande choque cultural. A dificuldade encontrado entre os alunos do Rio Negro é que eles não falavam a língua Tukano, e sim, a Tupi Guarani. Para poder-mos ter o entrosamento fomos obrigados a expressar só em português, pois era o regime do colégio, nas salas de aula. Foi um sofrimento, que somente ficou no coração de quem queria falar a sua própria língua.

1969 - fiz o meu primeiro ano de ginásio em São Gabriel da Cachoeira, que ora chamou-se, "Ginásio Estadual D. Pedro Massa". Acompanhei normalmente as atividades escolares e na parte desportiva foi o que agradou a todos os alunos.

1970 - quando cursava o 2º ano de ginásio conheci a irmã Indiana Marques Carraro, conhecedora de muita gramática, portanto, muito exigente nas tarefas escolares. Aprendemos a falar português, conforme o desejo dela, e passamos proibir para que os menores não falassem línguas indígenas.

1971 - No terceiro ano de ginásio comecei a ficar um pouco preocupado e desconcentrado nos assuntos escolares, pois vi muita cercando o meu mundo jovem.

1972 - terminei o meu curso ginásial e fiquei muito pensativo porque o meu desejo sempre foi um dia chegar a escala de grandes homens literários brasileiros. E porque gostava de muitas novidades eu e Paulino Gomes Vieira, tukano do rio Papuri, Iauaretê, também o Domingos Sávio Falcão, um índio da tribo Piratapuaia fundamos um jornal estudantil - "O Crítico Escolar" em 1971 a 1972. E porque criticávamos certas coisas que afetavam diretamente às pessoas superiores e por sermos inexperientes, e por isso, o jornal foi obrigado a se extinguir um mês antes do término do ano letivo de 1972. Acabando o ginásio entrei num curso de Treinamento de professores de 1ª e 4ª séries, um o único curso legalizado dentro dos termos da lei 5.692 do Ministério de Educação e Cultura. O curso era duro para todas as matérias porque era supletivo que equivalia o 2º grau, e era feito somente no período de férias do ano letivo.

1973 - esperando término do curso supletivo fui para missão salesiana Pari Cachoeira, como era o desejo do bispo, e fiquei como professor dos pequenos que nada entendiam a língua portuguesa, e muito menos, eu, na didática com os mesmos. Ao mesmo tempo era uma alegria para mim, porque voltei perto da família depois de cinco anos, e esperava fazer um trabalho conforme a necessidade do povo, o que, simplesmente, foi uma ilusão. Na aula e no recreio passei a participar inteiramente do programa da casa missionária: missa de manhã, mingau,

aula, almoço, recreio junto com os alunos, oração da noite e dormir junto com os estudantes. Além disso, planos de aula e assinar os pontos de frequência diante de uma fiscalização da freira não era brincadeira, era tudo na hora certa. Eu e Pedro Fernandes Machado, Cecília Fernandes Machado, Maria Fernandes Machado, todos meus primos de Pari Cachoeira, José Borges Reis e Diva Albertina Fonseca, todos professores e colegas de curso, embora, que, quiséssemos fazer a convivência democrática não obtivemos força. Por exemplo, o meu primo Pedro que gostava e usava umas calças apertadas não podia usá-las porque a irmã Terezinha Ribeiro ficava horrorizada. Até festas eram proibidas. A satisfação que tivemos foi somente no esporte e a maneira de assumir-mos como verdadeiros indígenas não existia.

1974 - terminei o meu segundo grau. As férias escolares de 1973/74 foram espetáculos em termos desportivos, porque nesses períodos é que São Gabriel da Cachoeira conheceu a chegada das Empresas Contrutoras: Queiroz Galvão, Empresa Industrial Técnica, 1º Batalhão de Engenharia de Construção, Levantamento Aéreo S/A e DNER que trouxeram muita para serviços braçais, operadores de máquinas pesadas, e que, nos fins de semana disputavam as partidas de futebol que emocionava o povo daquele local. Do outro lado, foi o ano em que conheci, pela primeira vez, a desigualdade, isto é, houve discriminação forte entre o pessoal vindo de fora e nativos. Era o meu fim de aprendizagem nos colégios dos padres. E não sei como definir o que ouvi dos meus professores. Parece-me que foi contra o meu gosto, fora dos planos para o meu povo, que vinha como forma de imposição. E vendo que os missionários já faziam esforço no sentido de educar-nos, pelo menos falar e escrever em português ou que, isso, no meu ponto de vista individual era muito pouco para organização do Alto Rio Negro tive uma conversa com o bispo Dom Miguel Alagna para fazer a Faculdade de Teologia em Manaus. Em março comecei a frequentar o colégio. E como seminarista frequentei os Movimentos Juvenis Católicos que faziam um trabalho de conscientização às populações dos bairros pobres de Manaus. Dirigi muitos encontros sempre com o mesmo tema EVANGELIZAR É RESPEITAR O POVO Creio que o nosso tra-

balho não agradou a muitos religiosos. Mais tarde, como dependente do meu bispo, fui retirado do colégio e obrigado a deixar a minha faculdade diante de uma alegação da falta de professores na missão salesiana Taracuã - rio Uauoés. A atitude incompreensível do bispo me marcou até hoje. Então, em abril cheguei em Taracuã e fiquei até o mês de outubro, quando terminaram as aulas. Durante o ano letivo, nós, os professores promovemos o movimento escolar, conforme o desejo da ordem planejada pela freira do Grupo Escolar, Irmã de Jesus Diniz.

1975 - Eu e Paulino Gomes Vieira retornamos a missão com a mesma finalidade de dar aula para os meninos. Conosco esteve outro professor, Adão Fonseca, que muito nos ajudou.

1976 - Dessa vez, voltei sozinho para dar a aula nessa mesma missão porque o Paulino ingressou no Exército e não pude estar na missão com o entusiasmo para o trabalho porque passei a ser mais controlado, senti uma tarefa pesada em minhas costas, isto é, a assistência aos alunos na hora do banho, recreio, almoço e janta, e etc me desgostaram muito. Não tive uma verdadeira alegria com os alunos, porque, eles estavam debaixo de uma ordem que não era disciplina, e sim do medo das gritarias do Sr. Tomás, um salesiano, que com sua loja de mercadoria controla o poder, ou que, toda a Paróquia Taracuã dependia desse homem.

1977 - por motivos de incompreensão nas atividades do magistério, e, para ter uma documentação completa e porque uma freira, que usando as leis do magistério, impunha a vida do branco, que segundo o meu ponto de vista indígena significava uma verdadeira subordinação, que eu tinha estudado para obedecer aos missionários que justificavam a sua superioridade perante a palavra DEUS. E eu que era tukano, embora sabendo o valor cultural do meu povo era o primeiro a destruí-lo através das aulas nas classes usando um método que nada tinha a ver com a civilização indígena. Posso dizer que a destribalização começou com a atuação da Força Aérea Brasileira junto aos missionários salesianos a partir de 1960 porque houve muita simpatia entre si. Os missionários não perceberam que estavam disper -

sando os nossos irmãos com a educação projetada fora vida comunitária indígena. Com o medo de serem chamados de atrasados ou selvagens e pagãos é que os nossos irmãos se autodestroem em referência às tribos. Só comecei a perceber também, que a maneira de promover os índios obedientes as suas ordens era para poder controlar melhor. Quando chegava uma comitiva no Alto Rio Negro, todos os alunos se enfeitavam para agradar os visitantes. Não faltava desfiles, banquetes, teatro e a dança que as meninas índias exibiam diante dos homens vindos de fora. É claro que isso não tem nenhum significado para o povo indígena, mas não deixa de ser um engano. Através dessas manipulações é que essa congregação salesiana tem um quadro forte de seus advogados, os quais são os ex-alunos e alunos, militares, políticos, professores e pessoas que se promoveram através deles por uns canais fáceis, promoção individual e opressora para maioria, porque, aqui, nasce uma aristocracia que deixa os jovens fora de seu espírito indígena.

No dia 14 de janeiro ingressei no 1º Bec, e nesse dia faleceu o meu tio na minha aldeia, o Antonio Lobo Sampaio, deixando sete filhas todas menor de idade. Gostei do quartel e passei a trabalhar como enfermeiro no hospital militar. Nesse período, sempre destaquei em primeiro lugar nos deveres militares e recebi um diploma de Praça mais distinta do Contingente. Em fevereiro de 1978 deixei a farda com muito orgulho e saudade, e devido a minha competência fui contratado para trabalhar no mesmo Hospital Militar, em convênio com INPS. Senti-me bastante realizado; e porque tinha o desejo de fazer a Medicina deixei a minha turma de amigos no dia 12 de agosto e parti para São Luis - Maranhão.

A grande preocupação no curso foi o racismo, quer dizer, que o índio se encontrava debaixo dos brancos latifundiários que causaram revolta aos índios Guajajara Maranhão. Achei que isso deveria modificar-se, e para isso, precisava-se de gente corajosa. Devido a vontade que tive é que decidi a marchar contra as injustiças que os brancos cometiam contra os meus irmãos. Foi um ano que me fez sentir muita coisa - 78.

1979 - Nos dias 12 a 15 de outubro participei a primeira reunião de líderes indígenas na Ilha de São Pedro, Sergipe, quando os índios XOKÓ foram expulsos de suas terras pela família Brito. Conheci as autoridades eclesiásticas, como por exemplo, o Dom José Brandão, bispo de Propriã que defendeu bravamente a esses índios. Em São Luís - Ma, levei uma mensagem para os estudantes sobre os problemas indígenas porque eu era o dirigente de um grupo deles na Igreja do Carmo e pude atuar nos assuntos que ora precisavam ser denunciados.

1980 - Nos dias 20 a 30 de janeiro que tivemos a reunião de líderes indígenas em Manaus fiz o meu primeiro artigo resposta para o Brigadeiro Ptrotásio Lopes de Oliveira , amigo dos salesianos, explicando que havia, de certa forma, um tráfico de escravas índias para as capitais, as quais, na sua maioria eram as minhas parentas. As minhas palavras feriram os missionários do Alto Rio Negro, e por isso, espero poder contar com a sua ajuda e compreensão.

No dia 19 de outubro cheguei em Manaus e na vinda recebi uma carta do Sr. Decleciano Sousa, o irmão do Márcio Sousa, que é escritor muito conhecido no Brasil e no exterior, na qual me informa a respeito do IV Tribunal Bertrand Russell, na Holanda, e me aconselhou a participar. Os organizadores do tribunal financiaram a minha viagem. No dia 24 de novembro de 1980 fiz o meu pronunciamento no IV Tribunal Bertrand Russell criticando de maneira positiva a ação dos missionários salesianos na minha área. E no dia 26 fiquei na mesa dos observado-res desse tribunal mediante a indicação da mesa julgadora dos crimes que os governos americanos cometiam contra os povos indígenas das Américas. Foi o meu maior pronunciamento e cora-gem em toda a minha vida. Nos dias 10 a 13 de dezembro de 1980, já de volta ao Brasil estive numa reunião de líderes indígenas no rio Andirá, com os Sateré Mawé, no Baixo Amazonas, para ex-por-lhes o fato que acabava de acontecer no mundo. Redigimos um documento e na volta para Manaus comecei a sentir pressões violentas, em cima de mim, através dos jornais.

1981 - Nos dias 12 a 15 de março participei da Assembléia Indígena na cidade de Garanhuns, Pernambuco. Em Re

cife. Mantive conversa com o líder político do Partido do Movimento Democrático Brasileiro, Sr. Jarbas Vasconcelos, e com os estudantes universitários, para que eles conhecessem sobre os problemas gravíssimos dos índios daquela região. E no dia 13 de abril fiz o contato com os estudantes, professores, antropólogos e sociólogos na Universidade de Brasília, com também no dia 17, dessa vez com Marcos Terena. No dia 19 do mesmo mês eu e Marcos Terena tivemos um encontro no Dia Do Índio com o povo da cidade Patos de Minas, Minas Gerais. De 25 a 28 de abril estive em São Paulo participando de um encontro de 72 líderes indígenas de 33 nações. No dia 27 desse mês os líderes indígenas desse encontro escolheram os membros para a nova diretoria da União das Nações Indígenas do Brasil, quando então, assim ficou decidido:

Presidente: Mariano Justino Marcos, Terena, Mato Grosso do Sul
 Vice-pres : Álvaro Fernandes Sampaio, Tukano, Amazonas.

Secretário: Lino Pereira Cordeiro, Miranha, Amazonas.

Houve solenidade e divulgação na imprensa sobre o acontecimento. E sentimos ter um grande apoio nesse sentido.

Nos dias 27 a 30 de julho participei do encontro de líderes indígenas dos países do Pacto Amazônico, em Puyu, Equador. Essa reunião foi promovida pelo governo daquele país, através do Ministro do Bem Estar Social, ligado ao Instituto Indigenista Interamericano, e este a O.E.A. Nesse sentido tratou-se dos problemas das populações indígenas da Bacia Amazônica e ficou marcado o segundo encontro em Caracas, Venezuela, para julho de 1982.

Naquela ocasião, eu, e mais dois outros indígenas fomos nomeados para coordenar esse encontro.

Nos dias 18 a 22 de agosto participei de um Congresso dos líderes do Equador, um congresso que tratou de Auto desenvolvimento e A Medicina Aborígene. A minha participação foi como representante do Brasil. Essa reunião foi em Quito. E nos dias 15 a 25 de setembro participei outro Congresso Sobre A Educação Nativa, na cidade Rio Bamba a convite dos educadores indígenas.

Assim, sentindo-me genuinamente indígena dentro do compromisso que venho assumindo no estudo e na luta encontro as grandes dificuldades. Não dependendo diretamente nem da Igreja, nem de um partido político, e sim, para o fortalecimento efetivo de nosso Programa da União das Nações Indígenas, e poder, além disso, realizar algumas viagens necessárias para a coordenação de um trabalho indígena e a preparação da Reunião em Caracas em 1982, tenho encontrado em São Paulo, apoio do Centro Ecumênico de Documentação e Informação e da Comissão Pró-Índio, onde realizo também um trabalho de assessoria indígena, isto é, sinto aqui um ambiente favorável para os meus estudos e trabalho.

ORÇAMENTO:

Solicito apoio financeiro no valor de US\$650,00 por mês, por um período de 2 anos (24 meses) para custear minha manutenção pessoal, estudos e viagens.

Agradeço-lhe, desde agora, pela compreensão e satisfação que terei de sua parte.

Á. G. Sampaio.

Álvaro Fernandes Sampaio

Vice-presidente da UNI.

Nome em cerimônia indígena: DOÉTHIRO.

Endereço:

- 1 - Comissão Pró-Índio de São
Rua Caiubi, 126, 05010 São Paulo - S P
- 2 - Centro Ecumênico de Documentação e Informação
- CEDI -
Sucursal / SP. Av. Higienópolis, 983-01238.